

Sigmanulogia: proporcionando uma teoria linguística da língua de sinais

Valdo Ribeiro Resende da Nóbrega¹

Resumo

As línguas de sinais são de modalidade visuo-gestual, o acesso a elas se dá pela visão e não pela audição, como ocorre nas línguas orais. Nos estudos linguísticos sobre línguas de sinais são adotados termos advindos de teorias pensadas para as línguas de modalidade oral, a exemplo de fonética e fonologia. Ambos os termos em seu étimo fazem referência a som, o que não condiz com línguas de sinais. Assim, neste trabalho, propomos uma discussão em termos de adequação terminológica para descrição de línguas de sinais: o que se denomina de Fonologia, passa a se chamar Sigmanulogia, a Fonética, de Signética, e Fonema, de Signema, tudo isso apresentando imagens representando os sinais de cada termo. Embora os estudos concernentes às línguas de sinais usem os termos Fonética e Fonologia de modo operacional, cabe considerar que o fazer científico carece de precisão terminológica, o que não ocorre em estudos de línguas de sinais. Propomos abrir uma discussão para definir uma nomenclatura adequada à modalidade dessas línguas.

Palavras-chave: Libras, terminologia, status linguístico

¹ Mestrando em Linguística na Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Maceió – Alagoas; e docente da Universidade Federal da Paraíba/ UFPB, João Pessoa – Paraíba, Brasil. valdonobrega.libras@gmail.com

Abstract

The Sign languages are in visual modality, the access to them is by sight and not by hearing modality, as occurs in the oral languages. In the terms studies from theories intended for oral languages are adopted in linguistic studies about sign languages, for example, phonetics and phonology. Both terms, in its root word, refer to sound, which does not match with sign language. In this article, we propose a discussion in terms of terminological adequacy for the description of sign language: what is known as Phonology, becomes knowing as Sigmanulogy, Phonetics becomes Signetics and Phoneme becomes Signeme. Although studies concerning in sign languages use the terms Phonetics and Phonology of an operating mode, it is considered that the scientific practice demands terminological precision, which does not happen in sign language studies. It is proposed to open a discussion to define a proper nomenclature to modality of these languages.

Keywords: Sign Language, terminology, linguistic status

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais – Libras –, a partir da Lei 10.436/02 e do Decreto 5.626/05, instrumentos legais que a reconhecem como meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda no Brasil, vem ganhando espaço de legitimidade, quer no campo político, quer acadêmico. Pode-se dizer que a importante repercussão da Libras nos dias de hoje tem ganhado destaque na sociedade e é fruto das inúmeras lutas da comunidade surda. Trata-se, antes de qualquer coisa, de uma conquista de espaço na sociedade que por muitos anos negou a existência das línguas de sinais, juntamente com tudo que uma língua representa para seus usuários.

No ambiente acadêmico, com o surgimento dos Cursos de Letras-Libras a partir de 2006, a Libras passa a ter privilégios nas universidades brasileiras, e sobretudo através do Programa Viver sem Limites (2011), há grande expansão desse curso – por meio do referido Programa, 27 (vinte e sete) novos cursos foram criados. Em consequência da conquista desse destacado espaço, é inevitável a necessidade de se compreender melhor todos os aspectos que compreendem essa língua: culturais, literários e linguísticos, *per si*.

Dentro deste contexto de políticas linguísticas por que passa a Libras, certamente o conhecimento acerca da estrutura da língua é algo que emerge no meio acadêmico e que carece de pesquisas. Nos últimos 10 (dez) anos, a Libras vem ganhando notoriedade nas publicações de artigos acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Isso é fruto do desconhecimento e redescoberta da língua de sinais pelos pesquisadores e profissionais envolvidos com a Libras, por um lado; por outro, a busca pela compreensão da língua. Embora isso seja bastante positivo, ainda se percebe um movimento na academia de se verificar/procurar na Libras aquilo que há no Português, língua oral de contato mais próxima daquela, o que pode gerar vários equívocos, sobretudo porque se tratam de línguas de modalidades distintas.

Com o intuito de, ao menos em parte, sanar as inquietações que nos motivaram a realizar esta pesquisa, algumas questões tentaremos responder, a saber:

- a. É viável para a teoria linguística descrever línguas de modalidades distintas usando a mesma terminologia no que se refere à produção da fala?
- b. Se alguns autores já propuseram o uso de outros termos em lugar de fonologia para a descrição das línguas de sinais, por que motivo esses termos não foram amplamente aceitos pela comunidade acadêmica, razão por que muitos trabalhos continuam usando,

mesmo que operacionalmente os termos com *fono* para referirem-se a línguas de gestuais?

c. É necessário, ao “redefinir” a nomenclatura, ter abreviaturas específicas para cada unidade mínima estudada na Libras, a exemplo do que propõem Capovilla e Garcia (2015)? Qual a praticidade desse tipo de opção metodológica?

É nesse sentido que este artigo busca relevar a importância dos novos termos adequados relacionados à teoria linguística da língua de sinais, dando ênfase ao empoderamento da língua de sinais no meio acadêmico.

1. A Fonologia da Libras?

À teoria linguística, pois, parece caber o caro desafio de “olhar” para a Libras sem querer nela encontrar, necessariamente, o que há no Português. Isso requer, dentre outras coisas, uma adequação terminológica. Nos trabalhos na área de linguística mais recentes da Libras (e de outras línguas de sinais também), tem se usado, operacionalmente, termos oriundos da análise linguística de línguas orais, a exemplo de *fonologia*, *fonética*, *fonema*, *fone*. Basta um pouco mais de atenção às palavras em si e se percebe a inadequação terminológica. Em todas essas palavras encontram-se o radical grego *phōnē*, que traduz a ideia de “som”, “voz”, conforme Houaiss (2013), o que não se aplica às línguas de sinais por razões bastante óbvias: são línguas de modalidade visuo-gestuais, portanto, som, ao menos aqueles produzidos pela voz humana, não fazem parte dos elementos gramaticais dessas línguas.

Sob essa ótica, descrever a Libras pautando-se em aspectos e teorias pensados para línguas orais, ao menos em termos articulatórios, parece

ser problemático, uma vez que nem sempre há correspondência entre o material linguístico que é produzido/sinalizado numa língua de sinais e o que emerge das línguas orais. Diante desta problemática para a Linguística e para a descrição da Libras, viemos apresentar a inquietação em relação a um dos estudos teóricos que mais me intrigam na Libras: a fonologia. Será que, de fato, pode-se pensar numa fonologia da Libras? Um fator muito importante para o fazer científico é a precisão terminológica e, ao que nos parece, o termo fonologia e todos os seus “derivados” não nos parecem adequados e/ou precisos para a descrição da Libras.

Este artigo visa discutir e propor uma terminologia em que sejam contemplados, a contento, os aspectos que envolvem a produção de um sinal – e, sabemos, som, em termos físicos ou funcionais, abstratos não é a categoria de análise. Dessa forma, com o empreendimento desta pesquisa, estaremos contribuindo para a teoria linguística de modo geral, a qual, por muito tempo, foi pensada e feita para tratar de línguas orais, e a contribuição particular será direcionada ao estudo da Língua Brasileira de Sinais, sobre a qual há muito ainda a se descrever e analisar em termos gramaticais.

Há relatos dos professores nas aulas de Libras no Ensino Superior que são surpreendidos com a seguinte questão, pelos discentes: “mas a Fonologia não estuda o som?”. Em alguma medida, essa percepção faz todo o sentido, uma vez que, em termos gerais, a fonologia diz respeito “à organização dos sistemas sonoros das línguas naturais”. Se assim o é, e considerando que a Libras não disponibiliza em seu sistema um “sistema de som”, parece razoável o questionamento feito pelos alunos. Mais ainda: tomar sistema de sons por sistema de sinais, de movimento, de configuração de mãos ou algo que o valha não se faz pertinente, pois se trata de categorias bastante distintas. Sendo assim, o que e como explicar o *modus operandi* da Libras em relação ao que equivaleria aos sons em línguas orais?

2. Breve retrospectiva da Fonologia, Fonética e Fonema

Sabemos que os estudos da fonética se iniciaram em meados do século XIX na abordagem biológica para os estudos complementares das línguas **orais**, ou seja, abordando nos estudos das articulações da fala. E a abordagem mais definida partiu pelo estudo do polonês Jan Baudouin de Courtenay, com seu trabalho intitulado “Investigação para uma Teoria das Alternâncias Fonéticas”. Ele admitia que os sons tinham suas distinções entre os falantes, e os ouvintes julgavam de outra forma, o que mais remete nos estudos de ênfase psicológico, denominado de fonema, ou seja, o fonema remete “à ideia de um som vocal” mais focado na análise psicológica, enquanto os sons vocais são apresentados de formas físicas. Logo a palavra fonema rapidamente se espalhou, gerando vários estudos sobre os sons distintos, porém, há estudiosos que contradizem a concepção de Baudouin de Courtenay, remetendo o fonema nas abordagens saussurianas. Até que Trubetzkoy, que era aluno de Baudouin de Courtenay, trouxe uma nova abordagem teórica de fonema. Nos seus estudos e trabalhos publicados, a teoria de fonema ganhou notoriedade e despertou interesses nos eventos que tiveram a participação de Jakobson e Karcevski (CAMARA Jr., 1975, p. 164), e elevou o conceito de descrição linguística mais elaborada e prática.

A fonologia, nos termos em que se apresenta hoje, teve seus fundamentos estabelecidos mais claramente em “Princípios de Fonologia”, de Trubetzkoy. Conforme o autor destaca a importância da natureza do fonema:

Portanto, é recomendado estabelecer não uma, mas duas “ciências do som” diferentes, das quais uma deve lidar com o ato de fala, e outra, de língua. De acordo com o objeto, cada caso é diferente, cada uma destas “ciências do som” deve usar método de trabalho completamente diferente: a ciência dos sons da fala, que trata de fenômeno físico específico, deve usar os métodos ciências naturais;

pelo contrário, a ciência dos sons da língua tem que usar métodos puramente linguísticas, psicológicas ou sociológicas (TRUBETZKOY, 1973, p.3)².

Trubetzkoy (1973) define a ideia de que os sons das línguas são distintivos, enfatizando que o som é, por um lado, aquilo que pronunciamos e, por outro, representação. Em outras palavras, pode-se dizer: o som tem uma parte que lhe é física e outra que é representação/abstração. Existe entre essas duas faces do som uma interdependência, contudo, do ponto de vista da ciência linguística, e pode-se estudá-lo a partir de duas grandes áreas: a fonologia e a fonética.

De Trubetzkoy para o século XXI, as teorias fonológicas têm avançado e diversos modelos são adotados nas pesquisas linguísticas (estruturalista, lineares, não lineares), no entanto, determinados conceitos importantes, como o de fonema, cunhado por ele encontram-se em pleno vigor na ciência linguística passados quase 100 (cem) anos.

3. Os termos linguisticamente utilizados na língua de sinais

Trabalhos sobre a Libras trazem diferentes propostas terminológicas quanto ao que seria do domínio da fonologia. Um registro feito sobre o uso da fonologia, na Libras, que traz a referência teórica e linguística diferente da língua oral, é da autora Ferreira (2010), a qual cita Stokoe (1965, p. 36), que “para analisar a fonologia (...) consideram como parâmetros primários a Configuração das Mãos, o Ponto de Articulação e o Movimento, e como parâmetros secundários a Região de Contato, a Orientação das Mãos e a Disposição das Mãos”. Notamos que, ao analisar

² Tradução do autor: “*Es por lo tanto recomendable establecer no una sino dos distintos ‘ciencia de los sonidos’, de las cuales, una debe ocuparse del acto del palabra y la otra de la lengua. De acuerdo con el objeto con es en cada caso distinto, cada una de estas ‘ciencia de los sonidos’ debe utilizar metodo de trabajo completamente distintos: la ciencia de los sonido de habla, que se ocupa de fenomeno fisico concreto, debe usar los metodos de las ciencia naturales; por el contrario, la ciencia de los sonidos de la lengua ha de usar los metodos puramente linguisticos, psicologicos o sociologicos*”.

o uso das unidades mínimas da Libras, a autora utiliza a fonologia como uma referência reconhecida como base inicial, sem ao menos preocupar o significado dela ou demonstrar qualquer preocupação com a nomenclatura, embora em seu escopo de análise elenque os elementos que vão constituir signos na língua e não som.

Vale ressaltar sobre a importante adequação dos termos na teoria linguística da língua de sinais, que não é uma tarefa fácil. Requer um levantamento bibliográfico sobre as menções de discordância da nomenclatura *fonologia* na língua de sinais. Assim como a pesquisa do “pai da língua de sinais”, Stokoe (2005), que foi o pioneiro em apresentar um termo que distingue da fonologia e fonema, termos legitimados para as línguas orais, e querologia e querema, termos cunhados pelo autor para as línguas de sinais. No artigo pesquisado o autor relata apenas uma vez o termo fonologia enquanto apresenta a querologia como

“sign language utterances contain both signs and finger-spelled English words in varying proportions, but structural differences make it possible to separate the two. And for the purposes of cherology (the sign language analogue of **phonology**) the two must be kept separate.” (STOKOE, 2005, p. 16).

É nesse ponto que percebemos a preocupação do autor em não mencionar a fonologia enquanto define os estudos de unidades mínimas da língua de sinais, a qual opta substituir por querologia, e fonema por querema. Há publicações de trabalhos acadêmicos que retratam esses termos apenas na perspectiva histórica, mas nenhum aborda a relevância e o uso deles nas teorias linguísticas da Libras.

Outro autor que também apresenta a preocupação com a nomenclatura para apresentar as distinções comparativas entre a modalidade oral com a visuo-espacial é Capovilla (2015). Na parte a ser estudada sobre a nomenclatura percebemos que o autor retrata vários

problemas encontrados sobre o uso do termo fonologia para as línguas de sinais, o que levou a substituir por outros termos, por mais complexo que seja em mencionar ou memorizar, como relata:

A taxonomia proposta as diversas unidades da língua falada, da língua escrita e da língua de sinais. (...) A partir deste ponto, cada um dos morfemas componentes de cada um dos termos é grafado em letra inicial maiúscula, de modo a facilitar a compreensão da composição morfêmica de cada termo (...) *VisibiliSignumÍculos* (visibilis: visível; signum: sinal, -Ículo: unidade mínima) para surdos videntes (...) (CAPOVILLA, 2015, p. 93).

Analisando as taxonomias terminológicas criadas por Capovilla (2015, p. 93), percebe-se a grande complexidade: a descrição linguística necessita, a nosso ver, também de termos mais precisos e, ao mesmo tempo, de fácil assimilação para o uso na ciência. É nesse contexto que a proposta do artigo visa elaborar uma nova taxonomia terminológica, tendo como base as línguas de sinais, dadas por suas particularidades linguísticas, dessa modalidade de língua. O termo ora proposto, pois, é *sigmanulogia*. É importante a compreensão de que não se está apenas propondo mudança de termos, mas uma mudança de termos que traz em seu bojo conceitual possibilidades mais abrangentes de se descrever línguas cujos meios de produção encontrados divergem daquelas de modalidade oral.

Diferentemente do que ocorria na década de 60, as línguas de sinais gozam hoje de verdadeiro status de língua, com gramática própria e complexidade estrutural como qualquer língua oral de grande circulação e prestígio social. Contudo, sobretudo no que concerne à Libras, muitas pesquisas ainda precisam ser feitas para que se compreenda melhor o funcionamento dessas línguas e isso deve ser pensado sob a égide de um arcabouço teórico minimamente adequado à modalidade dessas línguas.

A concepção terminológica

Nesta parte, introduzimos um estudo sobre a importância do uso da nova terminologia, ou seja, o neologismo através de diferentes pesquisas realizadas. Notamos que há uma identificação neste estudo com base da teoria “léxico especializado”, isto é, um estudo que expressa conhecimento especializado em uma dimensão linguística relacionado com a dimensão cognitiva. Nesse caso, a teoria baseia-se na relação entre a comunicação especializada possui certos tipos de traços peculiares como a objetividade, a precisão e o uso sistemático de termos técnicos-científicos.

Complementando com esse estudo, estudamos os conceitos de cada palavra para obter um êxito tanto na pronúncia quanto na escrita. Assim, podemos propor um limite ao uso de termos conceituais dentro de uma unidade terminológica. Conforme Wuster (1998, apud KRIEGER e FINATTO, 2004) afirma que:

A terminologia considera que o âmbito dos conceitos e das denominações (aos termos) são independentes. Por essa razão, os terminólogos falam de conceitos, enquanto os linguistas falam de conteúdos das palavras, referindo-se à língua geral (WUSTER, 1998, p. 21, apud KRIEGER e FINATTO, 2004).

É nesse sentido que queremos expor a proposta em que estudamos: SIGMANULOGIA. O termo *sigmanulogia* provém de outros termos: **signo**, **manual**, e **-logia**. Como vemos, a sigmanulogia está sendo referida na junção de outros termos combinatórios, significativos para a área de língua de sinais, tanto no território brasileiro quanto em outros países.

O trabalho retorna ao estudo de cada conceito e conteúdo dos termos citados anteriormente. O estudo sobre a junção dos termos para uma nova terminologia é baseado nas concepções analisadas no dicionário.

O primeiro estudo a se iniciar aponta para a primeira junção, o **signo**. O significado da palavra varia de diferentes áreas conforme o dicionário Aurélio Online (2016):

1 Sinal ou símbolo de algo; 2 Cada uma das doze partes do Zodíaco na esfera celeste; 3 Constelação correspondente a cada uma dessas doze partes; 4 Cada uma das figuras ou conceitos que representam a influência das doze partes do Zodíaco celeste sobre a vida ou a personalidade das pessoas; 5 Área de influência; 6 Unidade linguística que contém um significante (forma ou imagem acústica) e um significado (conceito); 7 Nome genérico das notas de música (Aurélio Online, 2016).

Nesse caso não é necessário propor uma nova composição de significado, já que o item 1 e 6 são os mais adequados ao estudo linguístico da língua de sinais. E o signo linguístico, segundo Saussure (2012, p. 105), é uma combinação de conceito e da imagem *acústica*. Notamos que o autor enfatiza o seu estudo da imagem acústica voltado para o estudo do som, da fala e da articulação da fala. E, como a língua de sinais, também possui suas combinações de signos, mas não partindo de sons. Ressaltamos que, para remeter a nova terminologia, optamos por combinação de conceitos e elementos viso-espaciais.

A segunda definição dos termos seguidos é o **manual**. Conforme essa palavra possui sua referência às mãos e o uso delas nas combinações de elementos viso-espaciais. Seguindo nas definições do mesmo dicionário online (2016) há a identificação de concepções linguísticas com as de língua de sinais, os itens 4 a 8:

1 Livro pequeno; 2 Livro que sumariza as noções básicas de uma matéria ou assunto; 3 Guia prático que explica o funcionamento de algo; 4 Relativo a mão; 5 Feito com a mão; 6 Que se pode mover à mão; 7 Que se pode facilmente trazer na mão; 8 Em que se trabalha com as mãos; 9 Que diz respeito a trabalho de mãos; 10 Que se transporta facilmente (Aurélio Online, 2016).

E, por fim, a **-logia**, terceira junção, nos remete a um elemento que exprime a noção de estudo.

Após um trabalho de pesquisa analítica e bibliográfica sobre as concepções dos termos, há uma análise do termo sigmanologia em diferentes idiomas, a fim de observar a inexistência dessa nova terminologia. Há termos encontrados no site como uma tentativa de criar novos conceitos referentes com termos como signologia – estudo relativo aos signos do zodíaco³, e manologia – em espanhol, denomina uma empresa terceirizada que contrata seus funcionários para o serviço manual. Porém, as concepções desses termos não condizem aos estudos linguísticos referentes à língua de sinais e acaba sendo descartada.

No quadro abaixo, o trabalho apresenta a “equivalência” de termos hoje usados na Linguística, inclusive para estudo das línguas de sinais, e o que se está propondo a partir deste artigo. Partimos da ideia de que a terminologia linguística usada atualmente é absolutamente adequada às línguas orais e imprecisas e insuficientes para as línguas de sinais.

Línguas orais	Línguas de sinais
Fonologia	Sigmanologia
Fonética	Signética
Fonema	Signema
Alofone	Alosigne

Fonte: o autor

Notemos que os termos Signética, Signema e Alosigne possuem sua junção **sign** para referir ao termo signo, adotados como propostas a serem pesquisadas em futuras publicações de artigos acadêmicos.

³ Vide o conceito dado no site pesquisado: <https://www.facebook.com/Signologia-1436100906619925/>

A formação dos sinais

É necessário pensar que, ao criar uma nova terminologia para uma nova teoria linguística da língua de sinais, também deve-se considerar o uso dela associando ao dos sinais criados para determinar a diferença entre eles, já criados da Fonologia, Fonética e Fonema⁴ com as da Sigmanulogia, Signética e Signema.

Será definido por cada sinal proposto em ordem para compreender melhor a descrição: Configuração das Mãos⁵, Orientação/Palma da mão, Movimento e Ponto de articulação/Posição.

Antes de iniciar a apresentação dos sinais, há uma referência de sinais baseado na concepção de um sinal: o signo. Conforme notamos na seção anterior, o signo representa um sinal ou símbolo. E essa referência, para melhor compreensão em relação à língua de sinais, significa a unidade linguística com o seu significado e significante.



Figura 1 – SIGNO

⁴ Os sinais em Libras das palavras Fonologia, Fonética e Fonema estão em anexo I.

⁵ Unidades mínimas língua de sinais. Segue a imagem em anexo II.

 E o sinal SIGNO, na figura 1, possui as configurações número , sua palma está em orientação direcional para a esquerda/direita e o dedo médio pregando no outro dedo médio da configuração da mão número , sem movimento, tornando-a passiva e com a palma direcionada para trás, e fazendo um pequeno movimento retilíneo. As duas configurações das mãos se posicionam em um espaço neutro à frente do corpo, seguindo em um movimento retilíneo.

1. Sinal: SIGMANULOGIA

Conferindo a figura 1, ela nos apresenta a melhor definição para compreensão da parte técnica e linguística da sinalização. E no caso do sinal proposto para a nova terminologia: SIGMANULOGIA.



Figura 2 – SIGMANULOGIA

Descrição da figura 2: Duas mãos de configuração número , orientação das mãos em diagonal entre direita/esquerda e cima/baixo, dedo médio das duas mãos pregado, com movimento retilíneo e simultâneo distanciando uma da outra.

Nesse caso a configuração número  do sinal *sigmanulogia* representa um outro sinal, que traz consigo uma concepção bastante adequada nos elementos viso-espaciais da língua de sinais, o sinal da figura 1.

2. Sinal: SIGNÉTICA.



Figura 3 – SIGNÉTICA

Descrição da figura 3: uma mão com a configuração número  e sua orientação direcionada para o lado direito/esquerdo e o dedo médio pregado na outra mão, de configuração , com a orientação direcionada para trás, com movimento retilíneo distanciando a outra mão.

A configuração  nos remete aos estudos da configuração das mãos, que possui o sinal representado pela mesma configuração dela, já que a  nos remete a signos com suas unidades mínimas escolhidas e estudadas.

3. Sinal: SIGNEMA



Figura 4 - SIGNEMA

Descrição da figura 4: uma mão com a configuração número  e sua orientação direcionada para o lado direito/esquerdo, o dedo indicador realizando um movimento semicircular com a outra mão, de configuração , com a orientação direcionada para o lado direito/esquerdo.

E o motivo da configuração , foi para dar a ideia de um gancho que está prestes a captar as unidades mínimas.

Empoderando a Língua de Sinais

A intenção da proposta de base é que a descrição das línguas de sinais partir do arcabouço teórico sistematizado para as línguas orais é insuficiente, sobretudo no que diz respeito aos aspectos de produção da fala sinalizada desenvolvida pelo teórico Trubetzkoy. Além da proposta levantada neste artigo, é importante ressaltar que os termos propostos têm suas questões acerca da teoria utilizada pelos pesquisadores, levando consigo a Libras a uma outra perspectiva linguística, a teoria visuo-espacial, sem suas referências terminológicas de sons. Assim, uma adequação terminológica que dê conta dos aspectos linguísticos de línguas que não se

produzem por meio sonoro, mas gestual, se faz necessária, o que se torna um desafio para a Linguística do século XXI.

Referências

ACESSOBRASIL. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Versão 2.1 – Rio de Janeiro, 2008. <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

BRASIL. **Decreto 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005. Acesso em: 21 nov. 2014.

_____. **Lei n. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Acesso em 21 nov. 2014.

CAMARA Jr. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Ed. Vozes: Petrópolis, 2009.

_____. **História da Linguística**. Ed. Vozes: Petrópolis, 1975.

CAPOVILLA, F. C.; GARCIA, V. Quiremas, Visemas e Bípedes Implumes: Por uma revisão taxonômica da linguagem do surdo que substitua Visemas por Fanerolaliemas, e Quiremas por Simatosemas para forma de mão (Quiriformemas), Local de mão (Quiritoposemas), Movimento de mão (Quiricinesemas) e Expressão Facial (Mascaremas) – **Linguagem e Cognição** – Processamento, Aquisição e Cérebro, BUCHWEITZ, A.; MOTA, M. B. (Orgs.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. **LIBRAS em contexto**. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2007.

FERREIRA, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 2010.

GRIPP, H. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Ed. Arara Azul: Petrópolis, 2011.

HOLANDA, A. B. de. **Dicionário do Aurélio Online**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Ed. Objetiva: São Paulo – versão digital. Acesso em: out. 2016.

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: Teoria e Prática. Ed. Contexto: São Paulo, 2004.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Ed. Parábola Editorial: São Paulo, 2008.

OATES, E. **Linguagem das mãos**. Ed. Santuário: São Paulo, 1983.

QUADROS, R. M. **Língua de Sinais Brasileira - Estudos Linguísticos**. Ed. Artmed: Porto Alegre, 2004.

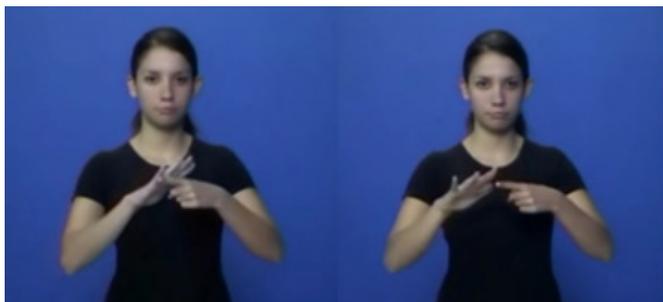
SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Ed. Cultrix: São Paulo, 2012

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. Ed. Contexto: São Paulo, 2012.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf – **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**. vol. 10 no. Oxford University Press 2005. Disponível em: <<http://jdsde.oxfordjournals.org/content/10/1/3.full.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

TRUBETZKOY, N. **Princípios de Fonologia**. Madrid, Editorial Cincel: Madrid, 1973.

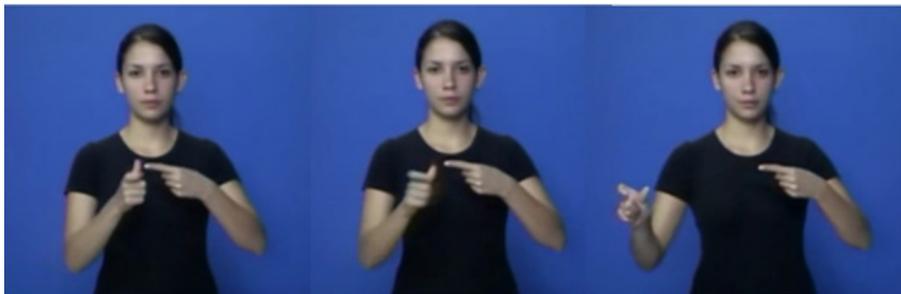
ANEXO I



SINAL 1 – FONOLOGIA



SINAL 2 – FONÉTICA

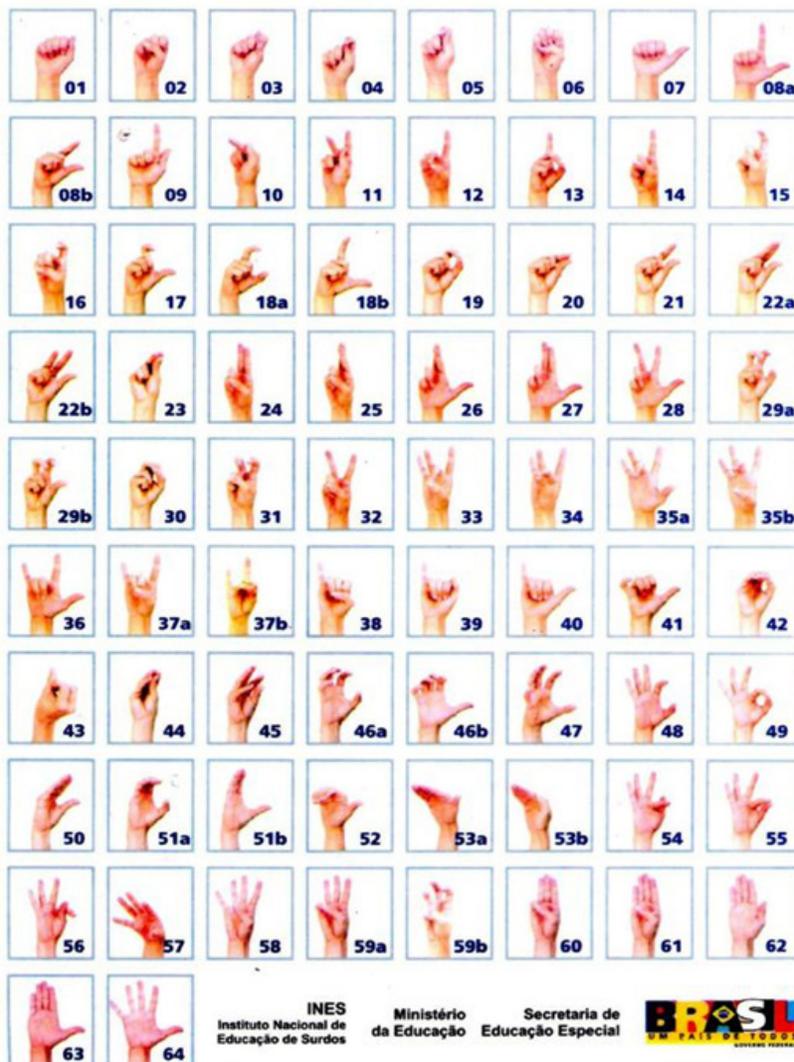


SINAL 3 – FONEMA

Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/pesquisa/pesquisaresultado/1/F>

ANEXO II

Configurações de mãos



Fonte: Grupo de Pesquisa da UNB em Acessibilidade Visual - www.audiocentral.org.br

Fonte: http://opedagogento.blogspot.com.br/2011/04/lingua-brasileira-de-sinais_18.html